

COMO A MOÇA FOI SACRIFICADA POR SUA FAMÍLIA
E
COMO O SEU AMADO A TROUXE LÁ DE BAIXO

Texto de Hermes Mancilha

1988/2

Orientação Prof. Ivo Bender
Laboratório de Dramaturgia I

PRÓLOGO

(Wanjiru e Aduntê estão em cena. Ela canta e faz tranças no cabelo dele. Ele está deitado com a cabeça no colo dela. É noite quente. Às vezes ela para de fazer a trança e abana Aduntê com um leque de palha. Ele parece dormir. Uma coruja pia. Ela termina a trança.).

Wanjiru – Pronto. Além de ser forte e corajoso, meu guerreiro é o mais bonito. E dorme. Aduntê. Acorda Aduntê! A lua já passeia no céu. Como é bonita. E triste. Sozinha na noite. Sem o seu amor. Feliz sou eu que tenho o meu guerreiro. Que nunca aconteça comigo o que aconteceu com a lua; foi separada do seu guerreiro e agora anda a sua procura. Parece cansada, parada no meio do céu. Aduntê! Acorda! É muito tarde. Precisamos voltar para a aldeia, a lua já está no meio do céu. Acorda!

Aduntê – Não durmo. Estava apenas ouvindo a voz de Wanjiru.

Wanjiru – Tua partida me preocupa.

Aduntê – Quando eu voltar comprarei você de sua família e iremos morar nas terras que vou procurar. Devem ter muita água.

Wanjiru – E pássaros. E perfume de flor no ar.

Aduntê – E caça e pesca à vontade.

Wanjiru – Melões e maracujás. E teremos muitos filhos.

Aduntê – Os meninos cuidarão as cabras que dão leite e carne.

Wanjiru – Ensino as meninas a usar o pilão. Farei manteiga e colherei mel, pois teremos flores em todas as estações. Promete Aduntê?

Aduntê – Prometo tudo isso.

Wanjiru – Eu te adoro.

Aduntê – Seremos muito felizes.

(A luz vai baixando em resistência. Os dois se abraçam.).

CENA UM

(Amanheceu. O pai e o irmão de Wanjiru estão olhando o roçado de milho completamente ressequido pelo sol. O pai está agachado e lamenta-se. O filho, em pé, ouve o pai.).

Filho – Meu pai não são as tuas queixas na beira do roçado morto, que farão sobreviver a nossa gente. Os deuses e os antepassados não respondem aos nossos pedidos. Vamos juntar o pouco que nos resta e partir enquanto temos vida.

Pai – Deixar a terra escolhida por nossos deuses e onde repousam nossos mortos? Não, filho. Seria pedir muito para mim.

Filho – A seca estendeu sua capa de morte por tudo: queimou o roçado, secou a mata e bebeu o açude. Para termos um pouco d'água, as mulheres precisam caminhar muito. O único olho d'água fica quase na montanha, e quem garante que não vai secar? Os antepassados? Fomos abandonados por eles.

Pai – Os mais novos não conhecem a força dos mortos.

Filho – Mas a seca é mais forte. Vamos mudar para um lugar onde haja terra boa e muita água.

Pai – Primeiro vamos ao sacerdote. Talvez agora os mortos nos dêem uma resposta favorável.

Filho – Eles jamais consentirão na mudança, para os antepassados seria como renegar a raiz.

Pai – Sei que já os incomodamos demais com nossos pedidos. Eles se orgulham da coragem do seu povo.

Filho – Nossa coragem não faz a seca terminar. Não impede a fome de entrar pela nossa porta. Morreremos de fome.

Pai – Vamos ao sacerdote. Eu confio nos antepassados. Deve haver uma resposta. Um conselho para acabar com esta seca. E o que eles disserem eu farei. (Saem)

CENA DOIS

(Wanjiru e sua mãe retornam da fonte. Trazem bilhas à cabeça.).

Mãe – Quando eu era criança e a seca tomava conta de tudo, costumava vir aqui com minha mãe buscar água. A fonte é um presente dos deuses e nunca vai secar, dizia a minha mãe. Gostaria de repetir isto para ti, mas vejo que até aqui, na fonte, a seca já chegou. A água já corre muito fraca.

Wanjiru – Isto nunca aconteceu antes. Não acontecerá agora.

Mãe – Só os deuses, os donos da terra, sabem.

Wanjiru – O guerreiro Aduntê falou que vai viajar a procura de novas terras.

Mãe – Terras para morar?

Wanjiru – Sim, mãe.

Mãe – E ele já consultou os mortos?

Wanjiru – Não, pretende primeiro fazer a viagem, depois pede licença para se mudar com sua esposa.

Mãe – Não sabia que ele tinha se casado.

Wanjiru – Ainda não casou. Mas já tem namorada.

Mãe – Conheço a moça?

Wanjiru – Sim, a senhora conhece mãe.

Mãe – Quem é?

Wanjiru – Eu.

Mãe – (Para de caminhar) Mas que novidade é esta?

Wanjiru – Minha mãe aprova a escolha?

Mãe – Um guerreiro. Sim, meu coração fica feliz.

Wanjiru – Na volta, ele vai me comprar. Vai entregar ao pai as cabras que ele pedir. Ele vai encontrar terras boas e iremos morar lá. Teremos muitos filhos e um roçado...

Mãe – (Corta) Ele gosta de ti?

Wanjiru – Sim.

Mãe – Isso é que importa. As cabras e o roçado só possuem valor quando seus donos são felizes.

Wanjiru – Eu e Aduntê seremos muito felizes.

Mãe – Que sempre digas isto sorrindo e que o brilho do teu olhar nunca se apague. Os maridos às vezes são muito atrapalhados.

Wanjiru – (Ri)

Mãe – É verdade, é preciso cuidar deles como se cuida dos meninos. Ter cuidado. Paciência. Ele deve consultar os mortos antes da viagem.

Wanjiru – Vou pedir para ele fazer isto.

(Saem de cena)

CENA TRÊS

(Entram em cena o Pai e o Irmão de Wanjiru. Já estão frente à casa do sacerdote. O pai bate palmas. Depois de um breve tempo surge o sacerdote.)

Sacerdote – Que preocupação te traz aqui?

Pai – A seca.

Sacerdote – Qual foi a resposta da última vez em que esteve aqui?

Pai – Foi dito para ter presente, sempre com respeito, a ideia do lugar onde se nasce.

Sacerdote – E deseja fazer nova pergunta?

Pai – Sim.

(O Sacerdote se retira para o interior da casa. Breve tempo. Regressa com uma cabaça com conchas e sementes.).

Sacerdote – Qual é a pergunta?

Pai – Que devemos fazer para terminar com a seca?

Sacerdote – Coloque as mãos no chão. Bate três vezes e chame os antepassados.

Pai (Bate com as palmas da mão no chão, três vezes, depois volta as palmas para cima, deixando entre elas um espaço.).

Sacerdote – Qual é a pergunta?

Pai – Que devemos fazer para terminar com a seca?

Sacerdote (Joga as conchas e as sementes no espaço que há entre as mãos do pai) – A resposta para que a chuva volte a cair é um pedido dos antepassados. (Junta as conchas e as sementes. Coloca-as na cabaça).

Pai – Qual é o pedido dos antepassados?

Sacerdote (Joga as conchas e sementes) – Eles desejam que uma donzela seja entregue a eles. Esta donzela deve ser comprada por todas as pessoas da aldeia, do menor ao maior, cada um pagará o que puder.

Pai – Onde encontramos esta donzela?

Sacerdote (Recolhe as conchas e sementes e depois as joga de novo) – Aqui mesmo, na aldeia.

Pai – Quem é esta donzela?

Sacerdote (Repete o jogo) – Para que a chuva caia, os antepassados querem que a donzela chamada Wanjiru venha lhes servir.

Pai – Wanjiru?

Sacerdote (Recolhe as sementes e conchas) – É a resposta as tuas perguntas.

Pai – Wanjiru é minha filha!

Sacerdote – É a resposta.

Filho – Deve haver algum engano.

Sacerdote – Se não acredita mais nos antepassados porque faz perguntas? A resposta já tens. Quando o sol levantar amanhã, o povo da aldeia deverá saber; até lá aprontem a donzela para ser entregue. Se isto não acontecer, o povo sofrerá mais. (Sai.).

Filho – E agora, pai?

Pai – É a resposta. O melhor que se tem a fazer é cumprir com a ordem. (Saem.).

CENA QUATRO

(O Pai e o Irmão de Wanjiru se afastam da casa do sacerdote e rumam para sua casa.).

Filho – Olhe. Mãe e Wanjiru se aproximam.

Pai – Tudo se encaminha muito depressa.

(Entra Wanjiru e sua Mãe)

Wanjiru – Meu pai parece cansado. Aceita um pouco d'água?

Pai (Vago) – Se esta água afogasse todas as minhas preocupações...

Mãe – O que te preocupa?

Filho – A resposta dos mortos impressionou meu pai.

Mãe – E qual é ela?

Wanjiru – Fala em casamento?

Pai – De certa forma, sim.

Wanjiru – Do meu casamento?

Pai – Sim.

Wanjiru – Com o guerreiro Aduntê?

Pai – Se fosse simplesmente isso, eu não estaria preocupado.

Wanjiru – Não entendo meu pai.

Filho – Os mortos anunciam a compra de uma donzela pela gente da aldeia. E essa compra fará voltar a chuva.

Mãe – E quem é a donzela?

Pai – Vamos para casa que lá eu contarei.

(Saem todos. A luz baixa em resistência.).

CENA CINCO

(É o entardecer. Wanjiru, no pátio de sua casa, soca os últimos grãos de milho no pilão. Entra Aduntê, desloca-se sorrateiramente, pega um pouco do milho que está na peneira, no chão, coloca-se atrás de Wanjiru e começa a deixar cair os grãos dentro do pilão. Wanjiru se assusta e para de socar. Olha para cima e por fim volta-se para Aduntê.).

Wanjiru – Assim me matas de susto...

Aduntê – Não queria te assustar, gostaria de ver teu sorriso.

Wanjiru – É difícil sorrir quando se tem apenas uma peneira de milho.

Aduntê – Tudo isso vai acabar, mais rápido que imaginas. Tudo está pronto para a viagem.

Wanjiru – Eu sei. (chora)

Aduntê – Mas o que foi que houve?

Wanjiru – Eu sei que tudo vai acabar.

Aduntê – Minha partida não deve ser motivo de tristeza. Estou indo na busca do lugar onde viveremos...

Wanjiru (Corta) – Onde o milho vai crescer, onde a água é farta e as cabras possam pastar...

Aduntê (Corta) – Chorando só porque pensa que vai sentir saudade.

Wanjiru – Vou sentir a tua falta.

Aduntê – Volto o mais depressa possível, enquanto isso prepare tudo para o nosso casamento. Promete?

Wanjiru (Sacode a cabeça afirmativamente)

Aduntê – Teu guerreiro voltará com boas novidades.

Wanjiru – Que tuas novidades sejam bem aceitas pelo povo e pelos antepassados.

Aduntê – E que minha noiva esteja pronta para ser minha. Vou te trazer muitos presentes.

Wanjiru – Não precisa nada.

Aduntê – Por quê?

Wanjiru – O teu retorno será o melhor presente.

Aduntê – Jamais pensei que a minha partida te deixasse tão triste.

Wanjiru – Meu pensamento sempre estará contigo, pois o meu amor é só teu.

Aduntê – Sei disso. (Beija-a) Adeus.

Wanjiru – Adeus.

Aduntê (Sai)

Wanjiru – Adeus. Queria tanto ir contigo! Mas não posso fazer isto. Seria o mesmo que matar toda a nossa gente.

(Luz baixa em resistência e Wanjiru volta a socar o milho)

CENA SEIS

(A Mãe de Wanjiru enfia contas e sementes num fio. Está sentada num banquinho e as contas e as sementes estão dentro de um pano, no seu colo. É quase noite.)

Mãe – Lá está ela. Desde que Aduntê saiu que ela não fala com ninguém. Parece que sua alma foi junto com ele. Não chora mais. Está conformada com sua sorte. Pensei que ela não aceitaria este sacrifício, quase que me engano com a filha que tenho. Quase não a reconheço. A minha menina. Tinha tantos sonhos com seu guerreiro. E é ele que sai em busca de novas terras. Que os deuses o protejam nesta caminhada, que não sofra muito quando voltar e ficar sabendo o que aconteceu com sua amada. A sua Wanjiru casou-se com os mortos, com colares de noiva, oferendas e festa. Como gostaria de estar enfiando estas contas e sementes para o casamento de Wanjiru com Aduntê. Era o que eu mais queria. Ela estaria feliz e não daquele jeito. Pobre filha.

(A luz baixa em resistência. É noite. A coruja pia. Breve tempo).

CENA SETE

(Amanheceu. O sol ilumina o pátio da Aldeia onde está o Pai de Wanjiru cercado por peneiras cheias de sementes. Entra o filho com uma peneira cheia de milho).

Filho – Mais sementes.

Pai – É muita coisa, não há mais lugar para tantas.

Filho – Cada vez chega mais gente. Trazem até as cabras.

Pai – O povo está fazendo o que foi pedido.

Filho – Muitos trazem o que tem de melhor.

Pai – Vai recebê-los. Precisamos fazer o que nos disseram os antepassados.

Filho - (Sai)

(O Pai fica arrumando as peneiras)

Filho (Voltando) – Eles desejam ver Wanjiru.

Pai – O Sacerdote já vai trazê-la.

Voz de Mulher – Deixem-me passar, preciso ver Wanjiru. Abram caminho.

Filho – Eu vou ver. (Sai)

(Volta o Filho com a Mãe de Aduntê)

Mãe de Aduntê – Quero ver Wanjiru.

Pai – Nada podes fazer para deter a vontade dos mortos.

Mãe de Aduntê – Eu sei disso.

(Entra o Sacerdote, Wanjiru e sua Mãe. Wanjiru está ricamente vestida. Sua mãe traz um pano escuro sobre a cabeça, chora).

Sacerdote – Todos já entregaram o que foi pedido?

Pai – Sim.

Mãe de Aduntê – Wanjiru, grandiosa és tu que foste contemplada com esta tarefa; deixas o amor de meu filho e morres por amor ao teu povo. Tenho muito pouco para comprá-la; trouxe os colares de esposa que fiz para o casamento de meu filho contigo. Como te casas com os antepassados, irão contigo, mas como presente, para que não esqueças do amor de meu filho por ti.

(Coloca o colar no pescoço de Wanjiru)

Wanjiru – Diga a Aduntê que o meu amor jamais morrerá.

Mãe de Aduntê – Direi a ele, filha.

Sacerdote – A compra está feita. Wanjiru é dos antepassados.

Wanjiru – Meus pés afundam no chão.

Sacerdote – Não se aproximem.

Mãe de Wanjiru – Não, minha filha não!

Pai (Segura a Mãe)

Sacerdote – Tudo será feito como os antepassados querem.

(Wanjiru continua a afundar no meio das sementes. A Mãe chora abraçada ao Pai. O Filho observa o céu que escurece. A Mãe de Aduntê chora. O Sacerdote de braços

abertos olha a descida de Wanjiru para junto dos mortos. Escurece cada vez mais. O vento sopra. Tudo se prepara para uma grande chuva. Trovões. Relâmpagos iluminam o céu escuro. Por fim, pingos de chuva e depois uma grande chuva torrencial).

CENA OITO

(Passaram-se quatro dias de muita chuva. A terra retomou o seu aspecto fértil. Aduntê entra em casa. Traz peles de animais e algumas aves mortas. Chama pela mãe, mas não obtém resposta. Tira as peles e as estende. Pega as aves e as pendura).

Aduntê – Mãe, mãe! (Pega uma vasilha e tira água) Está tudo cheio. (Bebe a água) Não deve ter ido buscar água. (Vai até a porta dos fundos) Não está no pátio. Fogo aceso, mas sem água quente para depenar as aves. (Coloca água, para esquentar, num pote) Pronto.

Mãe de Aduntê – Um guerreiro com mania de velha, falando sozinho?

Aduntê – Mãe! (Aproxima-se e abraça a Mãe)

Mãe – Um guerreiro com a cabeça na lua é fácil de ser abatido. Pronto, me solta que vou te preparar uma coisa para comer. (Olha as aves) Bonitas. Como foi a viagem?

Aduntê – Longa e molhada. O melhor que fizemos foi caçar. Com a chuva os animais ficaram entocados e se tornaram uma presa fácil. Quanto às terras, não são melhores do que estas. Veja. (Mostra as peles) Está é para ti, esta outra para minha amada.

Mãe – Muito bonitas.

Aduntê – A senhora diz isto sem alegria. Não gostou do presente ou será que está com ciúmes?

Mãe – Senta. Quero te contar uma coisa.

Aduntê – O que é?

Mãe – Senta.

Aduntê (Senta-se perto da mesa, num banco) – O que te preocupa?

Mãe – Tu me preocupas. Gostas muito dela?

Aduntê – Sim. Muito.

Mãe – Ouve o que aconteceu após a tua partida: o pai de tua amada preocupado com a seca foi consultar os antepassados e recebeu como resposta que toda gente da aldeia deveria comprar uma donzela, que morava na aldeia, para que a chuva voltasse a cair. Assim foi feito. O povo comprou a donzela. E a moça foi engolida pela terra. Agora ela vive com os antepassados, por isso a chuva voltou a cair e a terra renasceu.

Aduntê – Mas o que tem isso com Wanjiru?

Mãe – Ela foi sacrificada.

Aduntê – Wanjiru?

Mãe – Pelo povo. Os mortos pediram.

Aduntê – Que tão poderosa é esta força que precisa de uma donzela para mostrar-se?

Mãe – São os guias da nossa gente. A força dos guerreiros.

Aduntê – Mas logo Wanjiru? Pensei que após a chuva, tudo estaria em ordem. A seca foi e roubou Wanjiru de mim.

Mãe – Wanjiru afundou na terra. Eu vi afundar.

Aduntê – E a senhora não fez nada para impedir. Wanjiru foi abandonada por seu povo. Se eu estivesse aqui nada disso teria acontecido. Vou procurar por ela. E a acharei. Gastarei todo o tempo e toda a minha força nesta procura. (Levanta-se).

Mãe – Espera. Não podes lutar contra os mortos.

Aduntê – Adeus mãe. (Abraça a mãe)

Mãe – A tua decisão é esta? Então vai, procura tua amada. Ela mesmo me disse que te amava. Sei que terás força para lutar. És um guerreiro. Vai, eu me orgulho de ti; esta velha ficará aqui pedindo aos deuses que sejam os juízes desta disputa. (Beija o filho). Vai.

(Aduntê sai de cena. A mãe se aproxima da porta por onde o filho saiu e fica olhando para fora).

CENA NOVE

(Entardecer. Aduntê está frente à casa do Sacerdote. Bate palmas. Surge o Sacerdote).

Sacerdote – O que um guerreiro quer com os antepassados? Interrogar ou pedir forças?

Aduntê – Acho que as duas coisas me trazem aqui.

Sacerdote – Qual das duas farás primeiro?

Aduntê – Interrogarei.

Sacerdote – Espera. (Entra na casa. Breve tempo. Retorna com a cabaça com as conchas e as sementes). Chama os antepassados.

Aduntê – (Bate três vezes no chão com as palmas das mãos para baixo, depois as coloca separadas, para cima).

Sacerdote – Pergunta.

Aduntê – Onde está Wanjiru?

Sacerdote (Joga as conchas e sementes entre as mãos de Aduntê) – Estranho. (Tempo. Retira as conchas e as sementes) Bata outra vez.

Aduntê – (Bate três vezes no chão com as palmas das mãos para baixo, depois as coloca separadas para cima).

Sacerdote – Pergunta.

Aduntê – Ouçam-me. Onde está Wanjiru?

Sacerdote (Joga as conchas entre as mãos de Aduntê. Breve tempo. O Sacerdote retira as conchas e coloca-as dentro da cabaça) Bata outra vez.

Aduntê (Repete as batidas)

Sacerdote – Pergunta.

Aduntê – Acordem e ouçam. Onde se encontra Wanjiru?

Sacerdote (Joga as conchas e as sementes entre as mãos de Aduntê). Não respondem.

Aduntê – Se recusam a responder ou o Sacerdote não consegue descobrir o que eles dizem?

Sacerdote – Duvidar da força dos mortos não é bom para um guerreiro. (Recolhe as conchas e as sementes). É dever do guerreiro preservar a tradição. É dos antepassados que vem a força que move os guerreiros, que alimenta a terra e dá vida aos homens.

Aduntê – Por esta lei que ensinaram, de respeitar os antepassados, prestar-lhes culto, por tudo isso, eu preciso saber. (Bate com as mãos no chão e depois as coloca em posição).

Aduntê – Onde está Wanjiru? Onde está a donzela que foi pedida em troca da chuva? Onde?

Sacerdote – Porque és um guerreiro jogarei novamente. (Joga).

Aduntê – E agora, respondem?

Sacerdote – Sim. Através do caminho da procura se chega onde ela está. Nada mais posso dizer.

Aduntê – Irei até o lugar onde Wanjiru afundou na terra. Acharei um modo de descer para junto dela.

Sacerdote – És um guerreiro. Sabes o que fazer. Lutar pelo que se deseja sempre foi permitido. (Tira um colar do pescoço). Leva contigo. Vai com cuidado e boa sorte.

Aduntê (Pega o colar). Obrigado. (Sai).

(Luz baixa em resistência)

CENA DEZ

(É noite. A mãe de Wanjiru entra com dois potes, um com água e outro com mel. Está no lugar onde a filha foi tragada pela terra. Despeja o mel e depois a água).

Mãe – Que o mel e a água possam satisfazer tua fome e sede. Possam te dar vida assim como deste vida para tua terra e teu povo. O povo está feliz, voltou a cantar e dançar. A fonte corre farta. Lembra quando te disse que tinha medo de que secasse? Tua resposta foi de que não secaria. Era verdade. (Chora).

(Entra Aduntê).

Aduntê – Senhora! É este o lugar onde a moça foi tragada pela terra?

Mãe – Sim. (Tenta parar de chorar). Foi aqui que a minha Wanjiru foi entregue aos mortos.

Aduntê – A senhora é mãe de Wanjiru?

Mãe – Mãe daquela que deu vida ao povo. Largou o seu amado guerreiro para se entregar aos mortos. (Chora). Ela o amava muito. Sonhava com um futuro bonito ao lado dele. E o coitado não sabe de nada. Viaja para longe.

Aduntê – Não viaja mais. Já voltou e sabe de tudo.

Mãe – Como sabes? Por acaso o encontraste?

Aduntê – Não, senhora.

Mãe – Alguém então te contou.

Aduntê – Sou Aduntê, o guerreiro que sua filha ama. Já sei de tudo o que aconteceu. Agora estou procurando Wanjiru.

Mãe – Vai procurá-la no meio dos mortos?

Aduntê – Sim.

Mãe – Pediste licença ao Sacerdote?

Aduntê – Fui falar com ele. (Mostra o colar). Deu-me isso e me desejou sorte.

Mãe – É o que te desejo também. Que a senhora dos mortos te permita entrar no seu reino. Agora vou para casa. O pouco que poderia fazer para o conforto de minha filha, já fiz. Fica um pouco com ela, Aduntê.

Aduntê – Ficarei.

Mãe (Sai).

Aduntê – Não sou o único que sofre com este sacrifício. Wanjiru, amada minha, entre nós está a terra e nela os mortos. Não acreditei nas tuas preocupações, mas vejo que elas se tornaram realidade. Como a lua, que anda solitária pelo céu, tu estás sozinha entre os mortos. Mas fica tranquila, arranjarei um modo de te salvar. De ficarmos outra vez juntos. (Começa a procurar uma entrada no solo. Por fim fica no lugar onde a Mãe de Wanjiru despejou a água e o mel). Por todos os deuses eu peço. Ajudem-me a encontrar Wanjiru. Senhora dos mortos, grande guerreira Oiá, me deixa encontrar aquela que amo. (Relâmpagos) Eu a quero de volta. (Relâmpagos riscam o céu). Só tu podes me conceder este pedido. Leva-me para junto de Wanjiru. (Mais relâmpagos). Eu te peço. (Um enorme relâmpago e Aduntê desaparece).

CENA ONZE

(Relâmpagos e um grande chiado. Surgem vultos com enormes máscaras e mantos vermelhos. Rodopiam pelo espaço, no meio dos relâmpagos. Por fim se acalmam, até ficarem como que embalados por uma leve brisa. Wanjiru está sentada numa pedra).

Um Vulto – Se aproxima o momento do guerreiro chegar. Foi permitido a sua entrada no nosso mundo. Também nos foi permitido testá-lo, pois duvida da nossa força. (Saem todos).

Wanjiru – Que Aduntê tenha forças para chegar aqui. Que consiga passar por todos os obstáculos que aparecem no seu caminho. (Segura o colar que ganhou da mãe de Aduntê). Só o teu amor por mim te dará força. Vem Aduntê. (Tenta levantar-se, mas não consegue, está muito fraca). Vem logo, antes que eu morra.

(Luz baixa em resistência).

CENA DOZE

(Entram os vultos e formam um corredor, por onde entra Aduntê. Está apreensivo. Observa tudo a sua volta com cuidado. Os vultos se movem como se fossem se chocar. Aduntê se agacha e procura pegadas).

Aduntê – Nada, nenhuma marca que indique o caminho. (Surge um vulto de mulher, com uma enorme cabeleira ruiva, passa por Aduntê, rindo).

Vulto de Mulher – Por aqui, siga sempre. (Sai rindo)

Aduntê – Wanjiru?! (Corre atrás) Espera Wanjiru.

(Os vultos abrem o corredor e chamam pela cena toda. Espalham-se formando obstáculos. Ela ri muito. Surge Aduntê, que a persegue. Ela sai e ele fica perdido no meio dos obstáculos).

Aduntê – Espera. (Para e respira).

(Os vultos se movem sempre chiando e pouco a pouco iluminam a cena com rodas de fogo. Giram em volta de Aduntê, chiando sempre).

Aduntê – Não vão me parar. Nunca. (Tenta escapar dos vultos. Luta).

(Os vultos com as rodas de fogo vão sendo substituídos por outros que trazem lanças. Aduntê luta novamente. Pouco a pouco vão desaparecendo até Aduntê ficar lutando sozinho).

Aduntê – Foram embora. Não conseguiram me parar.

(Os vultos voltam chiando. Trazem uma grande rede que estendem no chão e por fim prendem Aduntê, que fica preso da cintura para baixo. A rede fica esticada tendo os vultos como suporte).

Vulto – O guerreiro passou por todas as provas. Agora está preso a rede dos mortos. Mortos com tradição de força, luta e sabedoria. Não é mais permitido atrasar a procura. Estamos satisfeitos. A grande deusa guerreira está satisfeita. Mas pede que lhe seja oferecido o primeiro filho desta união. Quer um sacerdote para o seu culto. O culto da guerreira Oiá, que preserva a tradição dos mortos.

Aduntê – Como sua senhora, me concede este pedido, de ter Wanjiru ao meu lado, eu prometo que nosso primeiro filho será sacerdote e a servirá toda a sua vida.

Vulto – Assim será.

Aduntê – Onde encontro Wanjiru?

Vulto – Siga adiante, nós a mostraremos sentada na pedra a sua espera. (Saem rodopiando e chiando e Aduntê vai atrás deles).

CENA TREZE

(Wanjiru chora, sentada na pedra. Entram os vultos chiando e rodopiando. Ela se assusta. Os vultos fazem um círculo em torno dela e por fim saem. Entra Aduntê).

Aduntê – Wanjiru!

Wanjiru – (Tenta levantar-se, mas cai. Ele a segura. Ela chora).

Aduntê – Já estamos indo para casa. (Pega Wanjiru nos braços e saem de cena).

(A luz baixa em resistência).

CENA QUATORZE

(Frente à casa de Aduntê. É noite. A lua passeia no céu. Aduntê está na porta).

Aduntê – Por que tanta demora?

(Breve tempo. Choro de criança).

Aduntê (Se aproxima da porta, não sabe se entra ou não. Breve tempo. Surge a Mãe de Aduntê com um bebê no colo, enrolado num manto vermelho).

Mãe – Nasceu um menino.

Aduntê – Deixa-me ver. (Pega o filho. Chega o pai de Wanjiru e o seu Filho).

Pai – Faz muito que nasceu?

Mãe de Aduntê – Agora mesmo.

Pai (Olhando o neto) – Um lindo filho.

Mãe de Aduntê – Forte como o pai.

Irmão de Wanjiru – Vai ser um guerreiro?

Aduntê – Não, vai ser mais que um guerreiro. Vai ensinar aos guerreiros a tradição dos antepassados. Cuidará do culto da deusa guerreira Oiá. Eu prometi. (Entrega o filho ao pai de Wanjiru).

Pai – O primeiro Sacerdote da família.

Aduntê – Vou ver Wanjiru.

(Entra a Mãe de Wanjiru, vindo do interior da casa).

Mãe de Wanjiru – É um bonito neto. Que seja muito feliz.

Aduntê – E Wanjiru?

Mãe de Wanjiru – Está bem, dorme agora.

Aduntê – Vamos preparar a festa. Quero apresentar o meu filho ao povo da aldeia. Será uma grande festa.

(Luz baixa em resistência. Saem Aduntê e o cunhado. Os outros entram na casa com o bebê).

CENA QUINZE

(Noite. Som de tambores e cantos. A aldeia está em festa. Todos dançam, comem e bebem. Risadas. Muitos trazem presentes para Wanjiru que está sentada numa cadeira de couro. Aduntê ao seu lado, está de pé).

Wanjiru – Todos estamos felizes.

Aduntê – E sempre será assim.

(Luz baixa até o Black out).

Fim